

SIMPÓSIO AT061

A. D.S. 1 1 1 UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (BRASIL) – ÁREA:
LITERATURA, FEMINISMOS E INTERSEÇÕES

A VOZ FEMININA NAS LETRAS DE MÚSICA DE CHICO BUARQUE: QUEM SÃO ESSAS MULHERES?

Andreia dos Santos de OLIVEIRA
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil)
marca.andreia@gmail.com

Resumo

Submissão e inferioridade femininas? Crítica ao patriarcalismo? Empoderamento feminino? O que revela o eu lírico feminino e o masculino das letras de música de Chico Buarque? Em 1966, quando Francisco Buarque de Holanda compôs sua primeira letra de música com eu lírico feminino, muitas mulheres brasileiras já se destacavam socialmente e o cenário nacional no que tange às relações de gênero já sinalizavam transformações políticas e sociais.

Dessa forma, a proposta deste trabalho é verificar se a(s) mulher(es) que emerge(m) das composições de Chico Buarque acompanha a empreitada feminina já bem impulsionada no início da segunda metade do século XX. Nesse intuito, selecionamos duas composições a serem analisadas sob o enfoque das causas feministas reivindicadas no Brasil daquela época e de estudos sobre o feminismo. Ou seja, nosso intuito é analisar de que forma as primeiras “mulheres buarqueanas” representam a luta das mulheres contemporânea às composições. Nesse sentido, as composições selecionadas são: *Com açúcar, com afeto* (1966) e *Sob medida* (1979).

A obra de Luis Felipe Miguel, *Feminismo e política: uma introdução* (2014) é um dos alicerces nessa análise. Nela, o autor nos mostra que a busca pela igualdade será entendida como uma inserção num universo já existente e preenchido pelo masculino, o que, no mínimo, dificultará que haja igualdade de fato, tendo em vista que as condições, nos mais diversos âmbitos foram pensadas de acordo com as “necessidades” e desejos dos homens.

Palavras-chave: patriarcalismo; atores sociais; mulheres buarqueanas; representatividade.

Abstract

Submission and inferiority of women? Criticism of patriarchalism? Female Empowerment? What does the male lyrical I reveal in the lyrics of Chico Buarque? In 1966, when Francisco Buarque de Holanda composed his first lyrics with his female lyric, many Brazilian women were already socially prominent and the national scene regarding gender relations already signaled political and social transformations.

Thus, the proposal of this work is to verify if the woman (s) that emerges from the compositions of Chico Buarque accompanies the feminine enterprise already well promoted at the beginning of the second half of the 20th century. In this sense, we selected two compositions to be analyzed under the focus of feminist causes claimed in Brazil at the time and studies on feminism. That is, our intention is to study how the first "Buarquean women" represent the contemporary women's struggle for composition. In this sense, the selected compositions are: *With sugar, with affection* (1966) and *Sob medida* (1979).

The work of Luis Felipe Miguel, *Feminism and politics: an introduction* (2014) is one of the foundations in this analysis. In it, the author shows us that the search for equality will be understood as an insertion in an already existing universe filled by the masculine, which, at the very least, will make it difficult to have equality of fact, considering that the conditions, in the most diverse spheres were thought according to the "needs" and desires of men.

Keywords: patriarchalism; social actors; women buarqueanas; representativeness.

Susan Besse, em *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil*, 1999, mostra-nos a mudança do sistema de gênero decorrente da luta feminina, na primeira metade do século XX, pela conquista de direitos políticos e sociais. A obra sinaliza, porém, que a modernização da posição da mulher na sociedade brasileira nesse período não se deu para todas, somente as mulheres de classe média e alta conseguiram oportunidades para se movimentar socialmente, já as de classe baixa continuaram a ser inferiorizadas, uma vez que o acesso à educação superior e à remuneração no labor não ocorria da mesma forma.

Com as mudanças políticas e econômicas ocorridas no país por volta de 1930, as mulheres "conquistaram"¹ determinados direitos que até então só cabiam aos homens, como o ato de votar durante as eleições. Soma-se a esse novo momento histórico, a "descoberta" da pílula anticoncepcional no início da década de 1960 e a lei do divórcio no Brasil em 1977.

Dentre as conquistas femininas do século XX, Blay e Avelar, em *50 Anos de Feminismo: Argentina, Brasil e Chile: a construção das mulheres como Atores Políticos e Democráticos* (2017), indicam-nos que, mesmo com a desigualdade legal de direitos entre os sexos – formalizada no Brasil com o

¹ O direito ao voto por parte das mulheres parece muito mais uma manobra política que uma conquista feminina.

Código Civil de 1916 que conferia ao homem o Pátrio Poder – e sem os rápidos meios de comunicação de massa que poderiam favorecer a luta das mulheres pela igualdade de gêneros tal qual ocorre hoje, algumas mulheres alcançaram um lugar social de destaque, é o caso, por exemplo, Bertha Lutz (1894-1976), que se empenhou na luta pelo direito de voto, e Patrícia Galvão (1910-1962), que defendeu o direito da mulher à liberdade de comportamento e expressão.

Besse (1999) também cita a luta dessas representatividades femininas do século XX, e acrescenta à lista Maria Lacerda de Moura. Segundo a autora, dentre as ações realizadas por essas mulheres, destacam-se a organização de associações de mulheres, a eleição de uma deputada feminista (a própria Bertha Lutz-1936) e a criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino em 1922 – que tinha como objetivo promover a educação feminina, conquistar direitos civis e políticos e lutar por garantias legais para o trabalho feminino; além da criação do próprio movimento feminista. Contudo, ao perceberem que as conquistas de direitos jurídicos e políticos atendiam apenas a mulheres de camadas sociais específicas, elas desvincularam-se do movimento. Ademais, Galvão e Lutz denunciaram, como forma de alienação e aprisionamento, o casamento, a educação recebida pelas mulheres e a religião, instaurando, assim, uma nova forma não só de pensar os papéis de gênero, mas do agir feminino. Ambas também criticaram a falta de capacidade dos partidos políticos de atenderem à demanda feminina.

A primeira metade do século XX foi, portanto, o palco de importantes mudanças sociais no que se refere aos papéis de gêneros até então instituídos. A poesia musical de Chico Buarque produzida na segunda metade desse século mostra engajamento com essa questão social já que o autor, através da ironia, denuncia e satiriza a desigualdade de gênero. Vejamos esse engajamento em duas composições do poeta: a primeira com eu lírico feminino e a segunda, com masculino.

Com açúcar, com afeto / (Chico Buarque, 1966)

“Com açúcar, com afeto
Fiz seu doce predileto
Pra você parar em casa
[...]
Sei que alguém vai sentar junto
Você vai puxar assunto
Discutindo o futebol
E ficar olhando as saias

De quem vive pelas praias
Coloridas pelo sol
[...]
Quando a noite enfim lhe cansa
Você vem feito criança
Pra chorar o meu perdão
Qual o quê
[...]
Logo vou esquentar seu prato
Dou um beijo em seu retrato
E abro os meus braços pra você”

“*Com Açúcar, com afeto*” é a primeira composição em que Chico Buarque assume a posição da mulher (Homem, 2009). Até então o poeta já havia composto canções nas quais se referia a figuras femininas; contudo, somente nesta que compôs em 1966 por encomenda de Nara Leão ousa retratar o outro gênero pelo que seria o viés do mesmo. Na composição, embora o eu lírico seja feminino, o enredo confirma o espaço social do homem e da mulher: a rua e o lar, respectivamente. Ao homem, cabe a farra com os amigos e até cobiçar outras mulheres; à parceira, cabe aguardá-lo em casa preparando “seu doce predileto” para, de “braços abertos”, recebê-lo, quando já cansado e desgastado pela esbórnica resolvesse voltar para casa. A composição de meados do século XX se dá em um cenário de ditadura civil militar e de uma sociedade ainda patriarcal, embora já houvesse a propagação dos ideais feministas no país que sinalizavam o início de mudança quanto aos papéis de gênero desempenhados nessa sociedade.

A mulher de “Com açúcar, com afeto” ainda está confinada a ser subserviente ao “seu” homem. O que não significa que essa composição pregue ou vanglorie o machismo, pelo contrário, a produção de Chico pode ser entendida como um modelo de relação de gêneros a não ser seguido. Ou seja, embora os espaços dessa composição, se lida literalmente, pareçam atender a uma demarcação de ordem patriarcal, se analisada considerando-se o contexto histórico e social da época: ditadura civil militar x emancipação feminina, aponta para a direção contrária. Direção esta, que denunciava e criticava um modelo de gêneros existente, indo, assim, ao encontro das causas feministas.

O que há em “Com açúcar, com afeto” é uma voz feminina que, ironicamente, corrobora a permanência da ordem patriarcal através da supremacia masculina; é o homem o único responsável por prover a casa, mas

também é ele o único que tem acesso à diversão fora dela, o prazer da mulher restringe-se em agradá-lo e satisfazê-lo dentro de casa. Luis Felipe Miguel, em *Feminismo e política: uma introdução* (2014), sinaliza que “na Grécia antiga era marcante a oposição entre *polis*, espaço do exercício coletivo da liberdade, franqueado apenas aos cidadãos, e *oikos*, o lar, espaço da produção e da reprodução da vida material, ao qual ficavam restritos escravos e mulheres.” (p.64). Essa demarcação dos espaços, denunciada na composição de Chico, reforça não só exclusão de gênero como também a de classe. Para chegar à *polis*, o espaço público, a mulher teria que deixar o *oikos* organizado, com a demanda desse espaço resolvida, e, para isso, muitas mulheres tiveram que delegar funções a empregadas, também mulheres (Miguel: 2014), o que resolvia mais uma questão de ordem individual do que de gênero, além de perpetuar diferenças sociais.

Sendo o homem o único provedor do *oikos*, ‘a primeira mulher em Chico’ não tem condições financeiras de repassar para outra o que desde sempre fora determinado como sua função. Sendo assim, a princípio, não tem como alcançar a *polis*; seu espaço está demarcado, parecendo restar a ela apenas aceitar tal limitação. Essa demarcação espacial presente em “Com açúcar, com afeto”, além de constituir a denúncia da desigualdade de gêneros, sinaliza um caminho a ser seguido pelas mulheres, pois, se, nessa composição, o homem alcança a *polis* ao sair para o trabalho, a mulher, provavelmente, teria chance de alcançá-la se também tivesse um trabalho pelo qual recebesse financeiramente.

Nesse sentido, o trabalho remunerado seria algo libertador, pois, permitiria à mulher não mais viver apenas em função da casa e do companheiro, já que, ao sair de casa para trabalhar, ela “obrigatoriamente” passaria pela cidade, conheceria outros lugares, outras pessoas (tanto homens quanto mulheres); ou seja, conviveria diariamente com outras pessoas, com as quais literalmente trocaria ideias e vivências, o que interferiria diretamente nesse sujeito-mulher. Dessa forma, a mulher não mais estaria presa ao modelo “de vida” que lhe servira de exemplo e, ao perceber que poderia escolher outros moldes ou criar o próprio, caberia a ela optar pelo que desejasse.

Quanto ao homem, ao que indica o enredo, goza os prazeres que encontra na *polis* durante o dia, quando deveria estar trabalhando. Como o

único provedor, esse homem, segundo o que declara a voz feminina, não parece se importar com o compromisso que assume com a companheira de sustentar a casa. Como operário, certamente possui um salário baixo e o desconto de um dia certamente faria diferença no orçamento. Contudo, a satisfação pessoal através do prazer imediato e, provavelmente passageiro, prevalece. A mulher submissa, propositalmente criada por Chico, faz par com um homem irresponsável e individualista, o que pode ser lido como um alerta para as que se resignam em manter a ordem patriarcal a qualquer custo. Afinal, haveria vantagem para essa mulher em compactuar com tal sistema? O que ela recebe sentimentalmente desse homem está próximo ao que ela dá? E materialmente, o que ela recebe e dá? Embora não remunerado diretamente e muito menos valorado socialmente, o trabalho de cuidar da casa e de preparar a comida (pensando no companheiro) não seriam uma contribuição material (além de sentimental), já que é um labor?

Logo, essa mulher consciente da própria insatisfação “qual quê!”, consciente também da continuidade de tal insatisfação - tendo em vista que as atitudes do homem são uma constante na vida do casal e não apontam expectativa de mudança - pode ser um modelo a ser descartado. Ou seja, a mensagem dessa composição funcionava como um alerta às mais sábias, para que elas melhor escolhessem (ou se permitissem ser escolhidas por) seus parceiros, assim como, para que as mesmas redirecionassem as próprias atitudes dentro do lar e, dentro das condições que possuíam, tentassem agradar primeiramente a si.

Diante dessa possível concepção da intencionalidade discursiva, é preciso atentar para a classe social dos envolvidos: trata-se de um operário e de uma esposa sem vínculo empregatício ou herança; logo, a classe é economicamente baixa, o que pressupõe pouco estudo por parte de ambos ou até mesmo nenhum por parte da mulher. A partir dessa realidade, que leitura terão feito, naquela época, as mulheres pertencentes à mesma classe social desses personagens? Teriam elas suporte cognitivo / intelectual que lhes permitissem conceber a composição de Chico como um alerta?

Independente das respostas às questões suscitadas no parágrafo anterior, a composição “Com açúcar, com afeto” pode ser vista como uma crítica ao machismo vigorante naquela época - e ainda presente nos dias atuais

- uma vez que denuncia a cristalizada desigualdade quanto aos espaços sociais destinados aos gêneros masculino e feminino.

Vejamos, agora, a mulher do século XX de Chico Buarque retratada por um eu lírico masculino:

Essa moça tá diferente / (Chico Buarque, 1970)

Essa moça tá diferente
Já não me conhece mais
Está pra lá de pra frente
Está me passando pra trás

Essa moça tá decidida
A se supermodernizar
(...)

Essa moça é a tal da janela
Que eu me cansei de cantar
E agora está só na dela
Botando só pra quebrar

O título desse poema-canção, gravado em 1970 no quarto álbum de Chico Buarque, já indica que os tempos são outros e que as relações de gênero mudaram. Apesar da ditadura civil militar e do patriarcalismo ainda bastante presente na época, o período é marcado também pela luta do movimento feminista.

Dessa forma, a mulher que emerge nessa composição está atenta às mudanças, descobertas e avanços de seu tempo. Nesse sentido, ela sabe que há outras possibilidades além da janela - referência à personagem Carolina de outra composição de Chico Buarque - e do *oikos*. Assim, segundo o eu poético “Essa moça é a tal da janela / Que eu me cansei de cantar / E agora está só na dela”.

Consciente de sua capacidade e também da possibilidade de poder atuar e contribuir socialmente, “Essa moça tá decidida / A se supermodernizar”; para tanto, ela acompanha os acontecimentos, como assistir pela TV o homem pisar na lua. Ou seja, temos uma mulher que, além de frequentar a esfera social: “Ela só samba escondida / Que é pra ninguém reparar”, interessa-se pelo o que está ocorrendo no mundo.

Nesse sentido, este poema-canção retrata claramente o avanço comportamental da mulher, uma vez que, desmitifica a ideia de que há interesses e comportamentos específicos do universo feminino. A mulher

retratada nessa letra possui gosto e posturas tidas como masculinas no contexto patriarcal: “Ela me olha de cima / E vai desinventar o som”. O sujeito poético masculino, por sua vez, não acompanha essa mudança e, sem sucesso, tenta agradá-la com o que, a princípio, agradaria uma mulher se realmente existisse um único universo feminino – caso haja, obviamente, não abrange todas as mulheres – “Eu cultivo rosas e rimas / Achando que é muito bom”. Logo, esse poema-canção apresenta um homem que não se mostra preparado para essa transformação de gêneros, o que, nesse caso, pode ser lido como um alerta, principalmente pelos homens, redirecionarem o olhar em relação à companheira e reconduzirem as próprias atitudes em relação a ela.

“Essa moça tá diferente” representa mulheres fortes, que não se submetem a seus companheiros nem aceitam os cerceamentos quanto aos espaços sociais, é a arte vista como realidade social em Fischer (1963). A mulher empoderada nesse poemas-canções de Chico Buarque constitui, portanto, a expressão de uma realidade se não aceita por todos, desejada, desde o século XX, por alguns, e necessária à evolução social da espécie humana.

Referências

BLAY, Eva & AVELAR, Lúcia. *50 Anos de Feminismo: Brasil, Argentina e Chile: A construção das Mulheres como atores Políticos e Democráticos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2017.

FISCHER, Enerst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983 (Traduzido da edição inglesa de 1963).

HOMEM, Wagner. *Histórias de canções: Chico Buarque*. São Paulo: Leya, 2009.

MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e política: uma introdução*. Ed. São Paulo: Boitempo, 1914.

SUSAN, Besse. *Modernizando a desigualdade Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1924-1940*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.